

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

A POTÊNCIA MEDIADORA DA LEITURA NA BIBLIOTERAPIA: UMA ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA NA DISCIPLINA A ARTE DE LER E CONTAR HISTÓRIAS NO CUIDADO À SAÚDE

THE MEDIATING POWER OF READING IN BIBLIOTHERAPY: AN ANALYSIS OF THE EXPERIENCE IN THE DISCIPLINE THE ART OF READING AND STORIES IN HEALTH CARE

Ingrid Paixão de Jesus – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Pamela Oliveira Assis – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Raquel do Rosário Santos – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: a mediação da leitura carrega em seu desenvolvimento a potencialidade de contribuir na formação leitora e no processo emancipador do sujeito, ao mesmo tempo que se caracteriza como uma ação afetiva. No entanto, quando se pensa sobre o cuidado, envolvendo uma intencionalidade terapêutica, reflete-se sobre a biblioterapia. Essa é uma mediação especializada da leitura que pode, por meio de atividades multidisciplinares, amparar o sujeito quanto a isso. Tendo em vista a relação entre as temáticas, esta comunicação teve como objetivo evidenciar a potência mediadora da leitura na biblioterapia na experiência da disciplina “A arte de ler e contar histórias no cuidado à saúde”. Quanto à metodologia, esta se caracteriza como um estudo de caso, com análise qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados o questionário aplicado junto à profa. Adriana Freitas, responsável pelo componente curricular citado. Os resultados alcançados mostram que, apesar da biblioterapia ter como base a mediação da leitura, esta possui um caráter terapêutico, visando a cura, e multidisciplinar, carecendo de uma conscientização por parte dos sujeitos que a realizam. Considera-se a importância de outras pesquisas que evidenciem na relação prática o caráter especializado da biblioterapia e sua relação com a mediação da leitura.

Palavras-chave: mediação da leitura; biblioterapia; Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade (ACCS) - biblioterapia.

Abstract: reading mediation carries in its development the potential to contribute to the reader's development and the subject's emancipatory process, while also being characterized as an affective action. However, when one thinks about care, involving a therapeutic intentionality, one reflects on bibliotherapy. This is a specialized reading mediation that can, through multidisciplinary activities, support the subject in this regard. Considering the relationship between the themes, this communication aimed to highlight the mediating power of reading in bibliotherapy in the experience of the discipline The art of reading and storytelling in health care. Regarding the methodology, it is characterized as a case study, with qualitative analysis, having as a data collection instrument the questionnaire applied with Professor Adriana Freitas, responsible for the aforementioned curricular component. The results achieved show that, although bibliotherapy is based on reading mediation, it has a therapeutic character, aiming at healing, and multidisciplinary, requiring awareness on the part of the subjects who carry it out. The importance of other research that demonstrates the specialized nature of bibliotherapy and its relationship with reading mediation in practice is considered.

Keywords: reading mediation; bibliotherapy; Community and Society Curricular Action (ACCS) – bibliotherapy.

1 INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre a mediação da leitura, compreende-se que essa seja uma ação política, afetiva, consciente e que oferece aos sujeitos subsídios para um processo crítico e emancipador. Essa ação ainda favorece a formação leitora dos sujeitos, permitindo que possíveis estranhamentos, derivados dos diferentes contextos sociais e contato com a leitura, possam ser desmistificados. Apesar de entender que a mediação da leitura é uma ação que envolve o afeto e o cuidado com o outro, ressalta-se que suas atividades não possuem propósito terapêutico. Para tal objetivo, tem-se uma outra ação, a biblioterapia.

A biblioterapia, nesta comunicação, é defendida como uma mediação da leitura especializada que requer um desenvolvimento multidisciplinar, uma vez que possui objetivos terapêuticos. Tendo em vista a proximidade entre as ações descritas, objetiva-se com este estudo evidenciar a potência mediadora da leitura na biblioterapia durante a experiência da disciplina “A arte de ler e contar histórias no cuidado à saúde” ministrada na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Ainda, ressalta-se que a justificativa pela temática se dá por acreditar na potência que ambas as ações envolvem e como podem beneficiar os sujeitos, se desenvolvidas com efetividade e consciência. Portanto, considera-se fundamental que existam comunicações que reflitam sobre a mediação da leitura e a biblioterapia, ainda mais apresentando a perspectiva e desafios que o desenvolvimento da última carrega. Dessa maneira, este estudo de natureza qualitativa, tendo como método o estudo de caso, buscou por meio da aplicação de questionário analisar a experiência da profa. Adriana Freitas na disciplina supracitada.

Para fundamentar a discussão tecida, utilizou-se como referencial teórico sobre mediação da leitura autores como Lídia Eugênia Cavalcante (2015); Ana Claudia Sousa, Raquel Santos e Ingrid Jesus (2020); Antônia Janiele Silva, Aline Alencar e Maria Cleide Bernardino (2017) etc. No que se refere à biblioterapia, Marília Pereira (1996); Clarice Caldin (2001); Lídia Eugênia Cavalcante, Damaris Barreto e Laiana Sousa (2020), apresentadas na próxima seção.

2 A RELAÇÃO INTRÍNSECA DA MEDIAÇÃO DA LEITURA E DA BIBLIOTERAPIA

A mediação da leitura é uma ação que une potencialidades, seja no que se refere às suas características como o fato de ser política, consciente e afetiva, seja unindo as

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

potencialidades que cada sujeito carrega consigo, advindas das vivências e contexto sociocultural do qual faz parte. Desse modo, compreende-se que a mediação da leitura possibilita que o encontro do sujeito com a leitura e com o outro seja consciente e (trans)formador. Assim como caracteriza quem são os sujeitos em sua individualidade, os diferentes contextos sociais fazem com que cada um possua um tipo de relação com a leitura e os dispositivos informacionais. Nesse sentido, às vezes a presença de um mediador torna-se necessária para que possíveis estranhamentos possam ser desconstruídos, favorecendo com que os sujeitos superem obstáculos sociais que os separa do acesso à leitura e dos dispositivos informacionais.

Para refletir um pouco mais sobre a mediação da leitura, recorre-se aos estudos desenvolvidos pelas pesquisadoras Ana Cláudia Sousa, Raquel Santos e Ingrid Jesus (2020, p. 18) que, baseadas no conceito de mediação da informação do professor Oswaldo Francisco de Almeida Júnior (2015), defendem que a mediação da leitura é uma:

[...] ação realizada conscientemente por um profissional da educação, da informação e/ou da cultura, de maneira individual ou coletiva, que propicie uma leitura singular ou plural na ambiência dos dispositivos informacionais, sociais e culturais, na perspectiva de possibilitar a apropriação da informação (Sousa; Santos; Jesus (2020, p. 18).

Diante do exposto, nota-se que, quando a mediação da leitura é desenvolvida de modo consciente, os mediadores favorecem uma formação múltipla para os sujeitos, envolvendo aspectos singulares, relacionados ao leitor, como também plurais, que envolvem fatores sociais e culturais. Assim, os sujeitos envolvidos na mediação da leitura, leitor e mediador, realizarão um exercício crítico acerca de suas condutas, saberes e dos contextos sociais que fazem parte, contribuindo no desenvolvimento de um processo de autoconhecimento e transformação advindos das leituras e vivências anteriores, bem como da troca que existe no decorrer da ação. Desse modo, a mediação da leitura possibilita que os sujeitos conheçam e sejam tocados pelo outro, sem deixar de lado as singularidades que os individualizam.

[...] a mediação da leitura apoia o encontro dos sujeitos, para além do tempo e do espaço, aproximando vidas, experiências, em um ato de compartilhamento, interação e recepção do novo, ou do que estava à margem das percepções, inaudível, colaborando para a conscientização e a transformação dos sujeitos leitores(as) (Sales; Santos, 2024, p. 8).

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Levando em consideração as afirmações realizadas por Simone Sales e Raquel Santos (2024), reforçam-se palavras-chave que constituem e caracterizam a mediação da leitura como “encontro”, “compartilhamento” e “recepção”. Com isso, compreende-se que a mediação da leitura é o encontro de sujeitos e suas singularidades, por meio do qual ocorre uma ressignificação da compreensão de mundo mediante à recepção de novos aprendizados que envolvem a conscientização e o exercício crítico.

Ainda sobre as possibilidades da mediação da leitura, a professora Lídia Eugênia Cavalcante (2015, p. 120) assevera que:

[...] a mediação da leitura é jogo de encantamento. Os jogadores são seus protagonistas que se desdobram para mantê-la em evidência, viva e pulsante. Nesse jogo, há a sedução da palavra elaborada, rebuscada, pensada, teatralizada, que a deixa mais aguçada (Cavalcante, 2015, p. 120).

A partir das reflexões da autora, rememora-se o que é dito por Michèle Petit (2008): é necessário experimentar o amor pela leitura para que ele possa ser compartilhado. Por isso, a mediação da leitura é jogo de encantamento, porque a leitura seduz e permite que os sujeitos vivenciem as histórias contadas pelos dispositivos, tendo como elementos para essa experiência as vozes e os gestos corporais feitos pelos mediadores, que além de encantar, conquistam os leitores e favorecem a entrega necessária para uma ação efetiva da mediação da leitura. Destaca-se ainda que a professora Lídia Eugênia Cavalcante (2015) refere-se aos participantes da ação como “jogadores”, visto que é uma responsabilidade compartilhada entre todos os envolvidos manter a mediação da leitura “viva e pulsante”, por meio de suas falas, olhares, atenção e respeito pelo outro.

Para tanto, os mediadores devem utilizar estratégias diversas para conquistar os sujeitos, fazendo-os se sentirem confortáveis e pertencentes à ação. Nesse sentido, entre as atividades mais realizadas, cita-se a contação de histórias, encontro com autor, clube de leitura e saraus literários. Essas atividades, entre outras, incentivam o contato do sujeito com a leitura ao mesmo tempo em que contribuem na formação desse leitor. No que se refere à contação de histórias, por exemplo, é um clássico entre as atividades de leitura, podendo ser realizada pela família, inclusive. É uma atividade que, por meio da brincadeira, de vozes e do uso de outros dispositivos, como os fantoches, envolve e atravessa os leitores, permitindo que eles adentrem em uma nova realidade e aprendam com ela.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

A contação de história estimula a imaginação, a criatividade, a oralidade, incentiva o gosto pela leitura, trabalha a concentração, contribui na formação crítica do leitor, ajuda na personalidade da criança envolvendo o social e o afetivo. Contar histórias vai além da leitura de um texto, é propiciar um momento de encantamento, surpresa e emoção. Deve sensibilizar e despertar nos ouvintes o interesse para novas leituras e descobertas (Silva; Alencar; Bernardino, 2017, p. 40).

Tendo em vista o exposto pelas autoras, compreende-se que apesar da contação de histórias possuir um caráter lúdico e facilmente envolvente, também existe a criticidade de incentivar e apresentar o novo para o leitor; é a possibilidade de mostrar novos mundos para os sujeitos favorecendo um processo de desenvolvimento e autoconhecimento acerca daquilo que eles acreditam e vivem em seus contextos sociais. Outra atividade que se pode destacar, por seu estímulo ao empoderamento e diálogo entre os sujeitos, é o clube de leitura. Compreende-se que esse é um meio de favorecer:

[...] o compartilhamento de percepções sobre leituras, muitas vezes de gênero literário comum entre seus participantes, ou mesmo sobre um tema de interesse que os inquieta. Assim, o clube de leitura também se apresenta como um propulsor no interesse e gosto pela leitura, nas diversas fases da vida do sujeito (Sales; Santos, 2024, p. 11).

O clube de leitura possibilita que diferentes sujeitos se unam em prol de um interesse em comum e à medida que conhecem novas pessoas, aprendem a expressar aquilo que pensam, estabelecendo relações críticas com o que conhecem e o novo que lhe está sendo apresentado, desenvolvendo melhor a oralidade, como também entendendo o tipo de leitura que os agrada e o porquê. Desse modo, entende-se que a mediação da leitura promove a formação crítica e leitora dos sujeitos, mas também aumenta o repertório de saberes que eles possuem.

Tendo em vista esse aumento de repertório, não se pode deixar de citar o dispositivo mais comum em ações mediadoras: os textos literários. Ao usar esse tipo de recurso, o mediador possibilita que os sujeitos reflitam acerca de seus sentimentos e percepções sociais, ao mesmo tempo que adquirem subsídios para confrontar atitudes com as quais não concorde. Por isso, Sueli Bortolin e Oswaldo Francisco de Almeida Júnior (2010) ressaltam que:

revelando a realidade ou criando um mundo imaginário, a literatura tem um papel essencial na sociedade, o de impulsionar o cidadão a uma atitude, pois, ao se colocar no lugar do outro, estabelece-se uma relação de proximidade e quase sempre de solidariedade e compreensão. Lendo e se identificando com um personagem, em geral, o leitor respeita suas fraquezas, suas decisões muitas vezes equivocadas, mas também esse personagem serve de modelo a ser seguido (Bortolin; Almeida Júnior, 2010, p. 94).

À vista disso, a partir de características como a empatia, a solidariedade e a alteridade, a literatura impulsiona o sujeito a reinventar suas ações e atuações em sociedade. Sendo possível também que esse mesmo dispositivo possibilite que os sujeitos experimentem as suas fragilidades e diferentes perspectivas por meio dos personagens das histórias, sem, no entanto, sofrer com as consequências de uma escolha. Por isso, a literatura inquieta, conforta e amplia as possibilidades dos sujeitos, portanto, compreende-se que ela também contribui no desenvolvimento da confiança e emancipação do sujeito.

Assim, compreende-se que a mediação da leitura, por meio de suas atividades e dispositivos, propicia aos leitores momentos de ludicidade, criticidade, autoconhecimento e afetividade, tudo isso por meio da leitura e de uma condução ética e consciente do mediador. Porém, em determinadas situações sociais e culturais, a mediação da leitura não será efetiva se a sua condução for realizada apenas por bibliotecários, pois o sujeito requer uma atividade com propósitos terapêuticos. Nesses casos, a ação mediadora que ganha destaque é a biblioterapia.

A biblioterapia é uma ação que rememora o período da Antiguidade, quando os livros e as bibliotecas eram considerados terapêuticos, sendo utilizados para o tratamento de doenças mentais (Pereira, 1996). No que se refere a seu significado, não existe um único conceito que a represente, etimologicamente a palavra origina dos radicais *biblion*, que é livro, e *therapeia*, que pode ser tratamento ou terapia. Desse modo, a primeira ideia acerca da biblioterapia é que ela é uma ação terapêutica realizada com livros.

Na literatura acerca da temática, é possível encontrar diferentes conceitos e definições. Estima-se que a primeira definição surgiu em 1961, em um dicionário não especializado, o *Webster's Third International Dictionary*, que a definiu como “o uso de material de leitura selecionada, como adjuvante terapêutico em Medicina e Psicologia” e como “guia na solução de problemas pessoais através da leitura dirigida” (Alves, 1982, p. 55). Já Clarice Caldin (2001) entende a biblioterapia como uma leitura dirigida e discussão em grupo, que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios.

Recentemente, Lídia Eugênia Cavalcante, Damaris Barreto e Laiana Souza (2020, p. 17) compartilharam, em seus estudos, que “a biblioterapia faz emergir, por meios das palavras, a expressão de sentimentos, a aceitação de si, a superação de traumas e dores da alma”. Há ainda a concepção de Pamela Assis e Raquel Santos (2022, p. 71), que entendem:

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

[...] a biblioterapia como uma mediação especializada da leitura, em que se realizam atividades de maneira multidisciplinar, pressupondo cuidado e atenção com os sujeitos, tanto o mediador quanto o leitor, uma vez que, nessa prática, existem intencionalidade e propósito terapêutico.

Desse modo, nota-se que, apesar de não possuir uma definição exata, a biblioterapia tem como característica o cuidado com o sujeito e com o que lhe aflige, utilizando para a sua resolução a leitura. Assim, acredita-se que, no que se refere aos seus objetivos, a biblioterapia é uma ação que promove a reestruturação inter e intrapessoal do sujeito. Para tanto, compreende-se que é necessário que ela seja realizada de modo consciente, oferecendo aporte para que os sujeitos reflitam sobre dores físicas e emocionais, ao mesmo tempo que estão envolvidos em um processo de autoconhecimento singular e plural.

Tal qual na mediação da leitura, ao investigar estudos práticos da biblioterapia, pode-se notar que o dispositivo utilizado também é o texto literário. Isso talvez tenha fundamentação na forma como a biblioterapia foi desenvolvida no seu começo ou no fato da literatura favorecer o processo dialógico, parte essencial da ação mediadora. De qualquer modo, tendo em vista a presença da literatura na biblioterapia, Clarice Caldin (2001) indica seis componentes que fazem parte da ação e devem ser alcançados pelos sujeitos visando o desenvolvimento do seu processo de reintegração social e emocional. São eles: a catarse, o humor, a identificação, a introjeção, a projeção e a introspecção.

Com relação à catarse, Caldin (2001, p. 38) toma como base os estudos de Aristóteles e define esse componente como “pacificação, serenidade e alívio das emoções”. Desse modo, a catarse possibilita ao sujeito um equilíbrio emocional e físico, visto que, ao externar o que enfrenta, o problema pode ser visto com outro olhar, favorecendo a sua análise, compreensão e solução.

Ao trazer o humor à baila, Clarice Caldin (2001, p. 38), sob a ótica do conceito de Freud (1969), defende que é uma “[...] rebelião do ego contra as circunstâncias adversas, transformando o que poderia ser objeto de dor em objeto de prazer”. Assim sendo, compreende-se que a autora propõe observar os problemas com leveza, refletindo sobre a situação por meio de dispositivos que favoreçam uma perspectiva diferente, sem tornar o processo mais pesado do que ele já pode ser para o sujeito.

A identificação, na biblioterapia, envolve a afetividade (Caldin, 2009). Esse componente possibilita que, durante a leitura, os sujeitos possam experienciar os problemas

e as sensações que os personagens das histórias carregam e, com isso, adentrar em um processo de contemplação sobre seus próprios problemas.

Já o componente da introjeção permite não só que o sujeito se identifique com o personagem, mas passe a adotar comportamentos e posturas que considera positivas. Nesse sentido, aqui é possível visualizar um processo de mudança consciente do sujeito, porquanto a situação enfrentada está sendo vista de forma concreta, possibilitando também que ele possa encontrar novos caminhos para o que o aflige.

Contudo, mesmo nesse processo de mudança, as rejeições não deixam de existir. Na biblioterapia, isso é percebido no componente da projeção, o qual Clarice Caldin (2001, p. 39) indica que é “[...] a transferência aos outros de nossas ideias, sentimentos, intenções, expectativas e desejos”. Ou seja, o sujeito adota uma postura na qual ele despreza comportamentos e pensamentos que ele não reconhece como positivos, só que, para isso, ele atribui ao outro tudo que não o interessa, ou provoca confusão quanto ao que sente e pensa.

Por fim, tem-se a introspecção, cujo alcance durante a biblioterapia pode significar que o sujeito, em seu processo reflexivo sobre suas vivências e emoções, conseguiu perceber outra perspectiva e solução para o problema. Desse modo, pode-se considerar que o que ocorre nesse componente é um resultado que advém de um processo dialógico, um agir consciente dos mediadores e a utilização dos dispositivos informacionais corretos, que subsidiaram a ressignificação do sujeito em sua completude.

À vista disso, compreende-se que a biblioterapia, além de uma mediação especializada da leitura, é também uma ação informativa que, por meio do afeto, envolve e inquieta os sujeitos a repensarem seus sentimentos e posturas, contribuindo para que eles vivenciem um processo de mudança que altera não só olhar sobre si, mas também sobre o outro e o contexto em que vivem.

No que se refere aos espaços que podem propiciar a realização de atividades biblioterapêuticas, ao recorrer à literatura sobre a temática é possível encontrar a ação sendo desenvolvida em espaços diversos, como, por exemplo, em escolas, hospitais, creches, Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs), bibliotecas, condomínios, universidades etc. Desse modo, percebe-se que apesar de se caracterizar como uma ação com propósitos terapêuticos, a biblioterapia possui uma gama de lugares que podem servir como ambiência para suas atividades, uma vez que seus meios para tocar e contribuir no desenvolvimento do sujeito são a informação e a leitura.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta comunicação se caracteriza como descritiva, tendo como método o estudo de caso, pois analisa uma disciplina do curso de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia (UFBA), visando compreender a potência mediadora presente na biblioterapia. Para tanto, tem-se a seguinte questão norteadora: quais aspectos da mediação da leitura são perceptíveis na experiência envolvendo a biblioterapia na disciplina “A arte de ler e contar histórias no cuidado à saúde”? Para responder a esta questão, foi traçado o seguinte objetivo geral: evidenciar a potência mediadora da leitura na biblioterapia na experiência da disciplina “A arte de ler e contar histórias no cuidado à saúde”, ministrada na Escola de Enfermagem da UFBA.

Para a realização dessa trajetória metodológica, adotou-se para a coleta de dados a técnica de aplicação de questionário, utilizando para isso o *Google Forms*. O questionário foi direcionado à profa. dra. Adriana Valeria da Silva Freitas, responsável pelo componente curricular, e teve como propósito compreender a articulação da disciplina, sendo elaborado com 8 (oito) perguntas discursivas e uma (1) objetiva.

A escolha pela realização da pesquisa com a referida respondente se dá pelas atividades práticas de biblioterapia ocorrerem de maneira multidisciplinar, demonstrando ao longo de sua realização a importância da prática biblioterapêutica para a formação de estudantes universitários e favorecendo o fortalecimento do vínculo com a comunidade externa em um ambiente de mediação da informação e da leitura, que é a biblioteca.

Decorrido o processo de coleta de dados, esses foram tratados e analisados a partir da abordagem qualitativa, que permitiu a interpretação das respostas ofertadas pela respondente. Tais resultados foram apresentados na próxima seção.

4 INTER-RELAÇÕES ENTRE MEDIAÇÃO DA LEITURA E AS PRÁTICAS DE BIBLIOTERAPIA

Nesta seção, apresentam-se as reflexões da profa. dra. Adriana Freitas¹, bem como as possíveis relações entre a mediação da leitura e a biblioterapia que podem ser identificadas a partir de suas respostas.

A disciplina “A arte de ler e contar histórias no cuidado à saúde” é viabilizada como uma Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade (ACCS), ou seja, além do embasamento teórico, existe uma parte prática em que atividades são desenvolvidas como um retorno à

¹ Participante da pesquisa.

comunidade daquilo que a universidade possibilitou aos discentes. Por essa disciplina ser viabilizada por meio de ACCS, além de Enfermagem, discentes dos cursos de Psicologia, Biblioteconomia, Medicina, e os Bacharelados Interdisciplinares em Saúde, Humanidades e Artes também podem participar. Essas ações multidisciplinares, que tem como foco a biblioterapia, ocorrem na ambiência da biblioteca pública, o que indica que essa escolha foi consciente, visto que a biblioteca é um ambiente de mediação da informação e da leitura, e seu caráter público viabiliza o encontro com diferentes sujeitos que integram a sociedade. Portanto, a escolha da profa. Adriana Freitas por realizar a prática da disciplina na biblioteca favorece e demonstra que essas ações biblioterapêuticas tiveram os recursos e as atividades mediadoras que precedem e se articulam na biblioteca.

Diante do exposto, sobre o caráter multidisciplinar, pode-se rememorar o entendimento de Pamela Assis e Raquel Santos (2022) sobre a necessidade da biblioterapia ser realizada de maneira articulada com profissionais vinculados às várias áreas do saber, tendo em vista o cuidado e o propósito terapêutico que a ação carrega. Portanto, ao planejar e desenvolver a disciplina de modo a ser constituída por discentes de diferentes cursos, infere-se que a profa. Adriana Freitas entende como necessário haver competências diversas no desenvolvimento das atividades biblioterapêuticas, o que favorece uma efetividade dos objetivos da ação.

No que se refere à sua compreensão sobre o que seria biblioterapia, a profa. Adriana Freitas destacou que seria “O cuidado a partir da leitura de textos literários”. Tal percepção pode ser associada a defesa realizada por Lídia Eugênia Cavalcante, Damaris Barreto e Laiana Sousa (2020) que ressaltam justamente esse cuidado por meio das palavras, uma vez que na biblioterapia os sujeitos são amparados e incentivados a expressar o que sentem, para que através desse externar haja uma nova percepção sobre o problema e uma possível solução. Aqui também se rememora o componente “catarse” elencado por Clarice Caldin (2001), que trata dessa importância de fazer o sujeito dar forma ao que o aflige, para melhor compreendê-lo. Não se pode deixar de ressaltar que, apesar da mediação da leitura também utilizar textos literários e ser desenvolvida em um processo cuidadoso com o outro, trata-se de cuidados diferentes. Percebe-se que na biblioterapia há um envolvimento com o emocional do sujeito, com uma parte vulnerável dele que precisa de apoio. Já as demais atividades de mediação da leitura não têm como objetivo afetar esse lado emocional do sujeito, mas sim possibilitar que ele entenda a leitura como subsídio para sua emancipação. O que se percebe é que a

biblioterapia necessita do processo de construção da mediação da leitura, visto que o encontro com a leitura literária é um dos objetivos de sua ação.

Ao ser perguntada se acredita que a leitura pode ser um método terapêutico, a profa. Adriana Freitas responde que sim, mas ressalta que “[...] depende da forma como a mediação é aplicada”. A fala da pesquisadora corrobora com o que foi dito anteriormente, uma vez que não são todas as atividades de mediação da leitura que podem ser entendidas como terapêuticas e nem precisam. A mediação da leitura tem como propósitos a formação leitora e a emancipação dos sujeitos; quando se toca em um objetivo terapêutico, como é para a biblioterapia, no processo de formação do sujeito, é preciso voltar-se a ele, suas necessidades, sua relação com o mundo, patologias, bem-estar, enfim, observando cuidadosamente o sujeito e as demandas em um processo de cura. Ou seja, é preciso que exista a cura física e emocional, o que conseqüentemente o fortalece socialmente para que ele possa, em um processo de autoconhecimento, retomar seu bem-estar.

A resposta seguinte permite notar as especificidades dessas duas atividades de mediação, uma vez que ao ser perguntada quais atividades biblioterapêuticas são desenvolvidas no projeto, a profa. Adriana Freitas marca a opção “outros” e responde “mediação com livros”, mesmo tendo a opção “contação de histórias” para ser marcada. Isto revela a percepção dessa pesquisadora acerca da utilização do livro como um dispositivo central para a realização das atividades, ou seja, não há outros mecanismos em que são desenvolvidas as atividades de biblioterapia, por exemplo, a oralidade. Entretanto, existe a contação de histórias, mesmo tendo o dispositivo livro como foco, o que poderia ser mais bem explorado em atividades terapêuticas, pois, como dito anteriormente por Antônia Janiele Silva, Aline Alencar e Maria Cleide Bernardino (2017), a contação de histórias é uma atividade múltipla que envolve a criticidade, o lúdico, mas também o sensível. Infere-se que esses também sejam pontos que a professora Adriana Freitas e seus discentes buscam alcançar quando esta cita a “mediação com livros”, mas reflete-se que, talvez, a preocupação dela em deixar explícito como se dá a atividade seja no sentido de demarcar o processo mediador que ocorre, do ponto de vista de que esses mediadores são agentes que favorecem o acesso à informação que os sujeitos necessitam em seu processo de ressignificação. Não se trata de uma contação da perspectiva do encantamento como colocada por Lídia Eugênia Cavalcante (2015) ao refletir a mediação da leitura, mas sim do livro funcionando como um dispositivo

que desperta o sujeito para o que precisa reconhecer em si e no outro. Portanto, a base para o desenvolvimento do compartilhar as histórias de maneira lúdica e sensível.

Assim, a biblioterapia não pode ser descontraída? Pode, talvez até deva ser. Trazendo à tona o componente humor, Clarice Caldin (2001) relembra que assuntos sérios também podem ser tratados com leveza e bom humor. No entanto, reconhece-se que, a depender do caso, às vezes o sujeito não conseguirá visualizar essa experiência sem uma carga emocional que pese a sua percepção. Essa assimilação também faz parte do processo de cuidado, e nesse caso cabe ao mediador orientar e utilizar artifícios para ganhar a confiança do sujeito e fazê-lo perceber que talvez um olhar mais suave seja o que ele precisa para solucionar aquele problema.

Por fim, questionou-se a professora acerca dos desafios enfrentados ao longo do projeto e ela respondeu “[...] ainda estamos analisando estes desafios. No geral são desafios comuns a qualquer projeto, materiais e humanos”. Acredita-se que a resposta dela deva-se ao fato de o projeto ainda estar em desenvolvimento, com resultados incipientes, ou seja, ainda é um momento de adaptação para eles a respeito de qual caminho trilhar. Isto mostra que nem os mediadores possuem um percurso estático, requerendo planejamento, mudanças, apoio, condutas éticas e responsáveis. A fala da professora rememora que mesmo quem orienta precisa, também, de espaço para refletir e se conhecer.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como base a discussão exposta, percebe-se que o entrelace da mediação da leitura e da biblioterapia ocorre por meio de suas características e dispositivos, no entanto, diverge quando se reflete sobre os mediadores que desenvolvem a atividade e o propósito. Dessa maneira, entende-se que nem todas as atividades de mediação da leitura terão o propósito terapêutico, como também deve-se atentar as atividades que se dizem terapêuticas por envolver a leitura e o cuidado, pois compreende-se que esses elementos são essenciais para as atividades de mediação da leitura. Portanto, a biblioterapia se revela quando de maneira multidisciplinar focaliza-se em um processo que apoia o desenvolvimento do sujeito por meio de atividades específicas e especializadas.

As falas da profa. Adriana Freitas, apesar de não serem conclusivas sobre o projeto e a relação temática, permitiram obter a percepção de que sim, podem existir confusões sobre a linha tênue que separa as duas atividades mediadoras. É preciso cuidado e atenção com

relação a essas pequenas mudanças, e para isso, talvez, a resposta esteja no sujeito. Visto que olhando para ele e compreendendo-o, será possível também estabelecer quais as necessidades informacionais que ele demanda e qual ação, mediação da leitura ou biblioterapia, poderá melhor respondê-la.

Portanto, ratifica-se a necessidade de que mais estudos possam aprofundar o estreitamento que há entre as temáticas, bem como as divergências que ocorrem. Espera-se que em futuras comunicações também se tenha uma melhor percepção dos resultados que a disciplina ministrada pela profa. Adriana Freitas conseguiu alcançar, não só com os sujeitos participantes que requereram amparo, mas com os discentes que mediarão as atividades e puderam tocar o outro e serem tocados.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Helena Hees. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. 1-2, p. 54-61, jan./jun. 1982. Disponível em:

<https://brapci.inf.br/index.php/article/download/18372#:~:text=Na%20psiquiatria%20a%20biblioterapia%20%C3%A9,ganizados%20simultaneamente%20%C3%A0%20psicoterapia%20D%20Opi>. Acesso em: 03 abr. 2025.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (org.).

Mediação oral da informação e da leitura. Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.

ASSIS, Pamela Oliveira. **Biblioterapia**: entrelaces da mediação da informação com a mediação da leitura. 2022. 201 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/36819>. Acesso em: 03 abr. 2025.

BORTOLIN, Sueli; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação oral literária: algumas palavras. *In*: VALENTIM, Marta (org.). **Gestão, mediação e uso da informação**. São Paulo:

UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. *E-book*. Disponível em:

<http://books.scielo.org/id/j4gkh>. Acesso em: 01 abr. 2025.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 32-44, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32/5200>. Acesso em: 01 abr. 2025.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e terapia**. 2009. 216 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92575>. Acesso em: 25 jul. 2025.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

CAVALCANTE, Lídia Eugênia; BARRETO, Damaris; SOUSA, Laiana. **Mediações de leitura**: o ato de ler que nos conecta. Fortaleza: Edições Pausa, 2020.

CAVALCANTE, Lídia Eugênia. Mediação e narrativa na voz dos contadores de história. *In*: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 107-124.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João Pessoa: UFPB, 1996.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

SALES, Simone Reis Santana de; SANTOS, Raquel do Rosário. Atividades de Mediação da Leitura nas Bibliotecas Escolares da Rede Pública Estadual de Salvador. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, v. 18, p. 1-23, 2024. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/download/16001/17057/64462>. Acesso em: 23 mar. 2025.

SILVA, Antônia Janiele Moreira da; ALENCAR, Aline Quesado; BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues. Biblioteca escolar e mediação da leitura: estudo sobre a importância da contação de história para a formação do leitor. **Folha de Rosto**: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação, v. 3, n. especial, p. 36-44, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/247>. Acesso em: 25 mar. 2025.

SOUSA, Ana Cláudia Medeiros de; SANTOS, Raquel do Rosário; JESUS, Ingrid Paixão de. Mediação da cultura, da informação e da leitura para o protagonismo social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 16, p. 1–20, 2020. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1333/1226>. Acesso em: 10 mar. 2025.